
A EDUCAÇÃO

PARA ALÉM DO CAPITAL

Gina Glaydes Guimarães de Faria*

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005. 77p.

Professor emérito da Universidade de Sussex, Inglaterra, herdeiro da tradição do pensamento de George Luckács, embora crítico do *História e consciência de classe*, autor do clássico *Para além do capital*, o sociólogo húngaro István Mészáros é um dos mais respeitados intelectuais de esquerda, no mundo atual. Para o autor, o capital é o mais potente sistema de controle social histórico já produzido. É “o modo de controle social metabólico fundamentalmente incontrolável”, porque emergiu como estrutura totalizadora. Desse modo, a cultura, a ciência, a religião, a educação, enfim, as relações sociais atrelam-se à viabilidade produtiva do capital.

Em outros termos, o poder totalizador do capital como estrutura de comando única, aliado ao Estado, engendra um modo historicamente específico de controle, cuja lógica interna permite ajustes quando em crise. Embora seja um sistema de controle, o capital é intrinsecamente incontrolável, produzindo a utilização decrescente dos produtos, o incentivo ao luxo, a criação da indústria do desperdício e do descartável como formas de sua manutenção.

Para Mészáros, o “desperdício”, a “subutilização”, a “obsolescência planejada de bens e serviços” e a “produção da destruição” constituem processos de expansão e acumulação do capital. A subsunção do valor de uso ao valor de troca das mercadorias e, ainda, o papel do Estado,

que constitui “a outra face indissociável da propriedade privada”, são as chaves para a reprodução do capital.

É dessa perspectiva que o autor, convidado para proferir a Conferência de abertura do 3º Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre, em julho de 2004, produziu o ensaio intitulado *A educação para além do capital*, publicado pela Boitempo, em 2005. Contendo prefácio de Emir Sader e comentários de Gaudêncio Frigotto, esta obra tem o mérito de trazer ao debate, sob a óptica de Marx, as vinculações intrínsecas entre educação e trabalho e como a emancipação humana está referida aos processos de interiorização não-alienantes, possível em uma sociedade para além do capital.

Em tempos de apologia ao fim da história, de odes a uma subjetividade sem sujeito, de intensos processos de despolitização, em que a mercadoria passa a ser o fulcro organizador da vida (des)humana, esta publicação evidencia que o mundo do trabalho e o conflito de classes, engendrados sob a égide do capital, ainda são categorias centrais para se compreender o modo de produção e reprodução do capital. À luz de Marx, as categorias são históricas e transitórias, como as condições materiais que as engendram. Enquanto estas perdurarem, aquelas também perdurarão.

Mészáros analisa os limites e os equívocos das reformas educacionais situadas no horizonte capitalista, destacando, especialmente, o engodo dos processos de reforma educacional, presentes desde Locke, Adam Smith e Robert Owen. Reformas liberais ou socialistas utópicas estiveram e sempre estarão fadadas ao fracasso, não por causa de seus proponentes, muitas vezes bem intencionados, mas em razão da própria natureza “incorrigível”, “irreformável” do “sistema metabólico do capital”.

Tendo como fulcro as contradições entre capital e trabalho consubstanciadas na luta de classes, Mészáros evidencia que seria absurdo esperar que do ponto de vista do capital fosse possível uma proposição que rompesse com as formas de produção material, cultural e educacional vigentes. As medidas reformistas sempre sucumbiram e sempre hão de sucumbir à “totalidade reguladora sistêmica” do capital. “Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa” (p. 27).

Para tanto, segundo Mészáros, faz-se necessário romper com a lógica reprodutiva do capital e dos processos culturais e científicos que lhes dá sustentação. Trata-se, especialmente, de superar o engodo reformista em que mudanças

apriorísticas e prejudgadas, são admissíveis apenas com o único e legítimo objetivo de corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade [...] (p. 25).

Proclamando a vinculação intrínseca entre “os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução”, Mészáros, neste ensaio instigante e polêmico, discute os limites e as possibilidades da educação formal, tomando como referência a necessidade de se “desafiar as formas atualmente dominantes de ‘internalização’, fortemente consolidadas a favor do capital pelo próprio sistema educacional formal” (p. 55, grifos do autor). Para o autor a educação formal atua “como um cão-de-guarda *ex-officio* e ‘autoritário’ para induzir um conformismo generalizado em determinados modos de internalização, de forma a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida” (p. 55).

Fundado numa concepção de educação ampliada, para além da educação formal, o autor advoga “soluções essenciais”, referindo-se ao enfrentamento dos processos alienantes de “internalização”, opondo a tais processos a “contra-internalização”, “coerente e sustentada”, mediante a “intervenção consciente no processo histórico”. Aparentemente, há um certo “subjetivismo revolucionário” no ensaio elaborado por Mészáros. Não é o caso. O autor opõe-se ao reformismo, aos particularismos pós-modernos. Sedimenta sua exposição, entre outros aspectos, no desvelamento do “discurso reformista”, buscando referências materiais à universalização da educação e do trabalho, para além do capital.

* Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* guima.fa@uol.com.br